



ENTREVISTA COM O PROF. DR. SERGIO CLAUDINO

A CIDADANIA TERRITORIAL – UM CONCEITO PARA APRENDER GEOGRAFIA

Adriana Maria Andreis

Universidade Federal da Fronteira Sul, Chapecó, Santa Catarina, Brasil, adriana.andreis@uffs.edu.br

Helena Copetti Callai

Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, Ijuí, Rio Grande do Sul, Brasil, copetti.callai@gmail.com

Sérgio Claudino Loureiro Nunes

Universidade de Lisboa, Lisboa, Portugal, sergio@campus.ul.pt

Apresentação: O professor Sérgio Claudino é Doutor em Geografia Humana e professor Auxiliar do Instituto de Geografia e Ordenamento Territorial (IGOT) da Universidade de Lisboa (UL), Lisboa/Portugal, leciona Geografia Humana e Regional e, na Pós-Graduação, ministra unidades curriculares de Didática da Geografia e Formação de Professores. É coordenador do Mestrado em Ensino de Geografia do IGOT. É co-fundador (2008) e integra a Direção do GEOFORO-Foro Ibero-americano de Educação, Geografia e Sociedade (<http://geoforo.blogspot.com>). Em 2011 deu origem ao Nós Propomos!, projeto que envolve escolas, estudantes, professores e desperta no/com o poder público um elo para pensar e estudar juntos – escolas e autoridades públicas - os problemas locais. A proposição gera, pelo trabalho com os alunos, a produção das informações acerca de questões de vivência nos lugares, e encaminha à análise e construção de soluções possíveis para apresentar e discutir com os setores públicos locais. Este processo envolve os sujeitos que vivenciam as questões do mundo da vida no lugar em que vivem e abre perspectivas de aprendizagens fazendo a ligação teoria e prática, conteúdos curriculares e ação política. Mas, não apenas isso, pois provoca nos envolvidos o desafio de serem protagonistas da construção do espaço, oportunizando o reconhecimento de suas identidades e pertencimentos, o que encaminha a uma educação para a formação cidadã.



Palavras iniciais das entrevistadoras

As premissas do projeto Nós Propomos! e o interesse pela educação para a formação cidadã são as motivações que nos levam a realizar uma entrevista com o Professor Dr. Sergio Claudino que nos fala dos caminhos e (des) caminhos da implantação do projeto em vários lugares, bem como, dos questionamentos que ele mesmo se coloca diante da disseminação da ideia e da incorporação de várias escolas de diversos lugares, cidades e países ao projeto. E, como ele diz, de escolas e universidades que “arrancam” com o projeto e que passam a praticar a proposição e envolver estudantes, familiares, professores e poder público numa discussão que pode ter consequências práticas no lugar. E que empodera os sujeitos envolvidos.

Apoiado pelas universidades e institutos dos diferentes países, este projeto se caracteriza por sempre abarcar atividades com escolas da Educação Básica (no caso do Brasil: anos iniciais e finais do ensino fundamental e ensino médio), pautadas nos pressupostos ancorados na cidadania territorial, no diálogo e na investigação, aberto à multidisciplinaridade, e compreendendo aspectos como: afetividade, valorização de diferentes capacidades, inclusão, parcerias, simplicidade metodológica, flexibilidade, trabalho em rede, divulgação, mobilidade e intercâmbio. (CLAUDINO, 2019)¹. Envolve proposições metodológicas que valorizam os problemas locais identificados pelos alunos, a realização do trabalho de campo e proposição de soluções às questões territoriais levantadas, discutidas e interpretadas no contexto das orientações teóricas da geografia. É uma proposição que alia uma ciência (a Geografia), uma disciplina curricular escolar e aspectos políticos da formação cidadã.

Não demorou para que o Projeto Nós Propomos! ultrapassasse fronteiras e se instalasse em vários outros lugares além do inicial. Atualmente o projeto é desenvolvido em Portugal e está presente na Espanha, Laos, Moçambique, Brasil, Colômbia, Peru e México. Devido a amplitude e complexidade das atividades realizadas, há dificuldades de registrar todos os movimentos. Ainda assim, alguns dados que sinalizam e exemplificam a envergadura do projeto, apontam que em Portugal são envolvidos cerca de 2800 alunos de 60 escolas, na Espanha cerca de 1800 alunos de 30 escolas, 1 escola em Moçambique e 1 no Laos, com participação de aproximadamente 100 alunos no total destes dois últimos países. Na

¹ CLAUDINO, Sérgio. *O projeto Nós Propomos! sugestões e orientações*. Lisboa/PT: IGOT, 2019.

Colômbia, Peru e México, há grupos integrando as atividades gerais e desenvolvendo experiências ainda em organização. No Brasil, o projeto está presente em muitas cidades das várias unidades da federação e os números de participantes são constantemente atualizados. Os limitados recursos financeiros para apoiar na sistematização desses dados indicam ser essa uma das demandas a ser assumida, por todos os envolvidos.

É importante registrar que muitos estudos acadêmicos são continuamente realizados seja em teses de doutoramento, e dissertações de mestrado, bem como artigos produzidos e publicados em periódicos científicos. Nos eventos² da Geografia, da Educação e de outras áreas afins, são socializadas as ações e discutidas as pesquisas, envolvendo o projeto desenvolvido em diferentes localidades do mundo.

Nos caminhos desse arrojo, além dos encontros locais e regionais, realizados nos lugares em que o projeto é desenvolvido, até o momento, ocorreram dois eventos internacionais, reunindo professores e alunos de escolas e universidades dos países envolvidos. O primeiro desses encontros foi realizado presencialmente em Lisboa em 2018, e outro sediado no Rio de Janeiro no ano de 2022, foi principalmente virtual em função da pandemia da Covid -19. O terceiro evento geral está programado para acontecer em 2024 na Espanha.

O projeto carrega uma proposição e um trabalho que têm como marca a interconexão que reconhece a força do lugar no processo de ensino, especialmente da Geografia. A relação local-global é perpassada pela teorização acerca dos acontecimentos no lugar da vida dos estudantes. Assim, os conceitos básicos da Geografia, aliados aos conteúdos curriculares, são considerados nos processos de abstração e teorização contribuindo para potencializar o estudo das questões com sustentação na escala de análise. São os pressupostos teórico-metodológicos para estudar Geografia para conhecer e compreender os problemas e trabalhar os conteúdos.

Nesse périplo geográfico é asseverada a importância da escuta do aluno e da comunidade, acentuando os processos interrogativos-investigativos do trabalho de campo, e o reforço da relevância das intervenções efetivas no espaço geográfico, articuladas com as instituições, autarquias e empresas do lugar. A interligação entre o público e o privado também tem destaque, sempre ancorada no conhecimento da vida cotidiana e na necessária teorização para, pelos caminhos da abstração, construir os entendimentos e fazer proposições de encaminhamento de soluções aos problemas prospectados.

² Eventos realizados na América Latina e Europa.

Atribuindo força ao local de vida dos sujeitos, enquanto âmbito de aprendizagem da participação cidadã na produção e transformação do território, o projeto erigido por Claudino franqueia caminhos que contribuem à robustez dos princípios e conhecimentos da Geografia, enquanto trajetórias efetivas ao enfrentamento da alienação e de tecitura da emancipação. Nesse conjunto, podemos assinalar que dada a abrangência e visibilidade do Projeto no contexto internacional – que em algumas situações é entendido de modo restrito enquanto aplicação metodológica – o movimento provocado, relacionado com o trabalho de campo e com o levantamento de problemas do local, vem recuperando importantes noções e processos teórico-metodológicos da Geografia e do território, que reforçam e revigoram a relevância da educação geográfica cidadã no ensino escolar.

O projeto envolve princípios gerais e marcas específicas, relacionadas com as singularidades dos lugares nos quais é implementado, assim como qualquer conjunto de ações interessadas pela educação. São questões acadêmicas, de conteúdo e de operacionalização referente às estruturas escolares, relação universidade – escola básica, interação escola comunidade, poder público e comunidade. E por isso mesmo a entrevista envolve a história e as várias discussões do que sustenta o projeto, e destacadamente evidenciam-se as referências teóricas que o professor Sergio Claudino tem na sua orientação a estabelecer um conceito que nos interessa e que diz do projeto Nós Propomos!, que é cidadania territorial.

Na interface com o Nós Propomos!, o Professor Sérgio Claudino tem contribuído, notada e concretamente, para o processo de integração internacional, entre universidades e escolas de diferentes países, promovendo o entrecruzamento de fronteiras, por meio das iniciativas e interlocuções que colocam em marcha um complexo teórico – metodológico e com a merecida atenção das questões práticas. Avançam assim as discussões teóricas da Geografia e da educação, e da singularidade do ensino da Geografia, sempre com o entrecruzamento do olhar teórico e do olhar e vivência das experiências do chão do mundo da vida.

A entrevista³ aqui apresentada é um recorte que se concentra no conceito de cidadania territorial, de autoria do professor Sergio Claudino e envolveu todo o complexo das histórias

³ O texto da entrevista está apresentado aqui com o trabalho de transcrição feito pelas entrevistadoras e com indicativos da centralidade da temática, no conceito referido. A entrevista integral em forma de áudio está disponível na página do Grupo de Pesquisa Espaço Tempo e Educação (GPETE), vinculado à Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), campus Chapecó/SC, no link: <https://sites.google.com/view/gpete/sobre-o-gpete?pli=1>.

do Nós Propomos! A entrevista foi realizada na sede do IGOT, em abril de 2022, pelas professoras Helena Copetti Callai e Adriana Maria Andreis, com o objetivo de explicitar e compreender o conceito de cidadania territorial adotado no contexto do Projeto “NÓS PROPOMOS! Cidadania e Inovação na Educação geográfica”.

Trazemos a seguir o recorte, da conversa decorrida, com as questões que abordam a apresentação e análise do conceito de cidadania territorial. E, para início da conversa o professor Sergio Claudino resume os seus entendimentos acerca dessa discussão, e seguem-se os nossos questionamentos e suas considerações.

Palavras iniciais do entrevistado

O projeto Nós Propomos! é implicado no conceito de Cidadania – quer dizer da participação da comunidade. Os alunos selecionam o que é mais significativo, recolhem a informação sobre o problema, falam com as pessoas da comunidade sobre os problemas e fazem propostas de intervenção. Interessa que sejam uteis e que as autoridades conheçam as proposições. As propostas estão em arquivos no site do Nós Propomos! para valorização do contributo de todos. Nesse sentido são realizados Seminários em que todos apresentam o que está sendo realizado. As autoridades públicas são envolvidas, os professores e estudantes envolvem as próprias escolas e na interface com a universidade todos aprendem. Como as tradições escolares são generalistas não se tem a tradição local, ao que o Nos Propomos! responde. E a escola seria o espaço mais qualificado da comunidade para tratar da ideia e de assessorar com o conhecimento e com as práticas que ali acontecem. Cidadania na educação significa ação e educar para a cidade é educar pela cidadania, pois ao buscar soluções para os problemas faz modificar o estudante.

5

Entrevista

Adriana Maria Andreis e Helena Copetti Callai: Diante da intensa adesão de professores brasileiros de Geografia, mas também de outras áreas disciplinares em várias universidades de território brasileiro nos interessa abordar o conceito de cidadania territorial, que se sobressai na discussão do Projeto Nós Propomos! Para tanto, iniciamos com a pergunta que nos move: o que é que você entende por cidadania territorial e de onde se originou este conceito?

Sergio Claudino: O Projeto Nós Propomos! está, na sua gênese, diretamente ligado no conceito de cidadania, à participação na comunidade. O que consta, no essencial, o Projeto Nós Propomos!? Os alunos selecionam problemas da comunidade que lhes sejam significativos. E isso tem a ver com a motivação dos próprios, tem a ver com uma perspectiva construtivista da aprendizagem. Depois, recolhem informação sobre o problema selecionado, falam com as pessoas da comunidade sobre esse problema. E, em função de todo este trabalho de campo, os alunos fazem propostas de intervenção. Nós pretendemos que estas propostas sejam úteis, que as autoridades da comunidade conheçam essas propostas e damos divulgação a essas respostas no site do projeto Nós Propomos!⁴ O Projeto é assumidamente de cidadania (de alguma forma, em termos pessoais, posso falar de uma tradição familiar de intervenção cidadã). E os professores trabalham implicados no conceito de cidadania como participação na comunidade.

A.H.: E a escola nesse contexto, como se coloca?

S.: A escola e a Geografia, em concreto, mais do que contemplar a realidade, precisa intervir na realidade. Sempre me fez muita confusão que as escolas, os equipamentos e os espaços mais qualificados da comunidade, não colaborassem na resolução dos problemas da mesma comunidade. A escola tem professores com formação universitária, tem alunos em formação, portanto, é obrigação da escola mobilizar-se em torno da comunidade.

A.H.: Naquilo que a gente chama de extensão, né?

S.: Sim, sim. Nós não temos tão presente isso, mas é verdade. Ou seja, como é que a escola está ilhada da comunidade. Depois, na realidade, a minha tese de doutorado deu-me uma consciência muito clara, eu fiz sobre o século XIX, de como as nossas tradições escolares são, por um lado a Geografia generalista, que estuda o mundo, por outro é a tradição nacional – a tradição generalista foi no final do século XVIII e início do XIX, a tradição nacionalista é claramente a do estado-nação do século XIX – mas nós nunca tivemos, claramente, uma tradição local. E, portanto, o projeto Nós Propomos! tenta responder a essa dimensão local.

⁴ Algumas das propostas estão em arquivos no site do NÓS PROPOMOS!, disponível em: <http://nospropomos2016.weebly.com/>

Esta geografia local, comunitária, dialoga com outras escalas. Mas eu penso que é um pouco utópico ser cidadão do mundo e não ter intervenção nos problemas da comunidade. Eu entendo, como a Olga Moreno, da Universidade de Sevilha, que cidadania na educação significa ação. Não é contemplação, é intervenção. E também, considero que educar para a cidadania é educar na cidadania. Ou seja, participar nos problemas da comunidade.

A.H.: Como isso pode acontecer?

S.: Podemos participar em simulações da realidade, mas, idealmente, participar na resolução de problemas da comunidade. Porque, senão, corremos o risco daqueles discursos mais ou menos vazios, mesmo que cheios de boas intenções, mas depois pouco consequentes. Todas as pessoas concordam que nós temos que ser bons cidadãos, mas todos os problemas que existem, de fato, não nos modificam.

A.H.: Então o conceito de cidadania vem por aí?

S.: O território. Porque é que eu fui buscar o conceito de cidadania territorial? O projeto chama-se: **Nós propomos! Cidadania e inovação na educação geográfica**. Eu criei primeiro o título do que o conceito. Do meu ponto de vista. O conceito de cidadania no fundo é um conceito polissêmico, ou seja, muita gente utiliza o conceito de cidadania, e até a nível escolar, pode-se dizer que os professores de Filosofia falam em cidadania, que os professores das várias áreas de Física ou Química, também falam em cidadania, por exemplo às questões ambientais, as questões éticas da cidadania e, portanto, eu tinha a necessidade de dizer que era uma cidadania em Geografia. Dizer que o Projeto Nós Propomos! pretendia a cidadania geográfica repetia um pouco o próprio título do projeto, eu entendia que não concretizava tanto aquilo que se pretendia.

A.H.: Então avançou para...

S.: Porque é que me surgiu o conceito de cidadania territorial? Em primeiro lugar, por distinção da escola anglo-saxônica, que utiliza o conceito de espaço. David Harvey utiliza o conceito de espaço e de justiça espacial. Na minha formação enquanto geógrafo, contactei com a Nova Geografia anglo-saxônica. Surge um espaço abstrato, o espaço dos modelos. Para mim, o conceito de espaço está muito vinculado a esse espaço abstrato. Eu tenho que

reconhecer, à medida que eu fui conhecendo as vossas produções, vocês no Brasil, utilizam o conceito de espaço com outra densidade e com um sentido mais de espaço vivido. Feita esta ressalva, eu sempre tento definir a Geografia como a ciência que estuda as sociedades no território. Qual é a acessão que eu dou a território? Eu considero, em relação ao território, duas acessões, que são: (a) por um lado, a ideia de posse –até na origem etimológica, tem a ver com a posse da terra. O território tem muito a ver com essa ideia de posse e domínio, as fronteiras são limites territoriais – e esta acessão é muito importante. (b), mas o território tem, também, muito a ver com o espaço transformado e construído pelas comunidades. Para mim o território é muito essa (ideia), cada comunidade constrói o seu território e o território é também um elemento de identidade. Por isso é que nós falamos em Geografia, de identidade territorial. E até dizemos que cada um de nós tem, para nos sentirmos bem em determinado local, temos que ter identidade territorial. E, portanto, o território sempre teve muito esta ideia de identidade. De modos que quando eu queria definir cidadania, cidadania em Geografia, diretamente envolvida com a ação, com a melhoria da comunidade, pareceu-me que o conceito de cidadania territorial era o mais adequado. Cidadania territorial ‘cheira’ de viver o território, de participar, para dizer que é um projeto muito prático, muito vivido como extra-aulas.

A.H.: É a mais...

S.: Que problemas existem; que informação nos colhemos sobre esses problemas; que propostas. Portanto, vai muito direto à questão da intervenção. Aparece cidadania, cidadania no território, espaço em construção. Estamos a falar de uma comunidade que constrói o seu espaço, que deixa a sua marca, que o transforma. É a compreensão do que é cidadania territorial.

Mas eu penso que o projeto Nós Propomos!, eu não tenho escrito sobre isso, está a renovar o ensino de Geografia, para além do projeto em si mesmo. Eu observo isso nos exames nacionais de Geografia, e isso, eu não tenho dúvidas, tem a marca do Nós Propomos! Começaram a introduzir perguntas, a partir de 2018, sobre o que se deve fazer perante problemas. E colegas que não participam do projeto, começam a introduzir no cotidiano escolar, perguntas do tipo o que é que deve ser feito perante esta situação. E isso, de fato, não era feito. E agora, eu começo a ver nas fichas de trabalho, nos documentos, essa pergunta: perante esta situação, o que é que deve ser feito?

A.H.: Então em resumo podemos dizer que a intenção de uso deste conceito é superar a ideia do abstrato em Geografia e entrar na realidade do mundo que o aluno vive?

S.: Sim. Território traz a ideia de posse, domínio, fronteiras, que são limites territoriais. Mas território é também: espaço construído e elemento de identidade, identidade territorial.

A.H.: E cidadania?

S.: Cidadania em Geografia envolve a ação e por isso vai além de cidadania espacial; cidadania territorial sai de alguma abstração, vai para o concreto, para a ação.

A.H.: Então o Nós Propomos! trata de cidadania territorial?

S.: O Nós Propomos! tem subjacente a valorização do protagonismo dos alunos nas aprendizagens, o compromisso com a comunidade, a mudança de paradigma da própria Geografia, em direção a uma ciência humanista e a valorização da cidadania, como se tem repetido. Na sua concretização, é muito prática. Busca quais as informações e vai propor a ação.

A.H.: O que deve ser feito então?

S.: Se passou a modificar a cultura do ensino. E começa a ser cidadania a pergunta na cultura da escola.

A.H.: O conceito de cidadania territorial encaminha a estudar o espaço construído?

S.: Sim, e a Geografia é fundamental para a cidadania territorial. O conceito passou a ser considerado na universidade. Mas é um conceito dinâmico, um conceito aberto, um conceito que está sendo construído. É um conceito a dar forma à cidadania. É cidadania atrelada à Geografia.

A.H.: A cidadania sempre esteve ligada à Geografia?

S.: Trabalhar com a cidadania do século XIX fez-me olhar a cidadania atual. No século XIX, cidadania era muito a identificação e a conformação ao *status quo*. É a ideia liberal, das elites burguesas, que desconfiam do povo. A Geografia do século XIX é muito política, e no sentido de conhecer as divisões, as autoridades. Mas não se detém no poder local, por exemplo.

A.H.: Então o Projeto Nós Propomos! é atualmente a tentativa de incorporar o local no estudo da Geografia? No contexto da Geografia política?

S.: Sim. O projeto Nós Propomos! insere-se no modelo de governança, de tomada de decisões pela comunidade. Governança no modelo participativo. E o conceito de Cidadania Territorial tem a ver com governança. Tem a ver com cidadania crítica. É um projeto político, claramente, ao convocar os elementos da comunidade para a tomada de decisões sobre a mesma.

A.H.: Como a comunidade recebe este trabalho que a escola realiza?

S.: As autoridades recebem bem o projeto Nós Propomos! Mostra-se uma perspectiva positiva ao apresentar soluções. E também se percebe a constituição de uma geração de jovens técnicos que incorporam a ideia de participação pública. O setor público e as autoridades aceitam o que vem das escolas.

A.H.: Como é considerado conceito de cidadania territorial no cotidiano da educação?

S.: É uma Geografia que estuda a cidade, as comunidades no território, o espaço transformado e construído pela comunidade, ao encontro do que já se referiu. O conceito está a ser utilizado, em Portugal, a Associação de Professores de Geografia e a Associação Portuguesa de Geógrafos fizeram em conjunto uma carta comum em que utilizam o conceito de cidadania territorial. Este conceito dá força à Geografia. E nós vamos ter agora o próximo Congresso Ibérico de Geografia, em Coimbra⁵, tem no título “cidadania territorial”. O próprio presidente do IGOT, numa intervenção que eu já ouvi fazer no âmbito do projeto Nós Propomos!,

⁵ X Congresso Ibérico de Geografia que teve como tema e título do evento: “Didática da Geografia para uma Cidadania Territorial - Uma bússola para um mundo em profunda transformação”. Foi realizado em janeiro de 2023 na Universidade de Coimbra, em Coimbra Portugal.

utilizou o conceito de cidadania territorial. Ou seja, mesmo os acadêmicos, e Associação Portuguesa de Geógrafos, fundamentalmente, é constituído por acadêmicos, incorporaram o conceito. Eu diria que o conceito está aberto e naturalmente vai ser construído.

A.H.: O que mais o senhor gostaria de acrescentar sobre essa proposição e discussão acerca do conceito de cidadania territorial?

S.: A cidadania territorial sublinha a dimensão cívica, participativa, da Geografia. O geógrafo que está no gabinete de um estado, de um município, está lá porque se espera que contribua com o seu labor para uma comunidade mais saudável, mais justa, mais participada e mais feliz. No ensino de Geografia, é importante descrever o mundo a diferentes escalas, mas educar geograficamente é mais do isso, é discutir os problemas ambientais e sociais, é apresentar propostas de solução. E, quero sublinhar, o conceito de cidadania territorial surgiu pela necessidade de concretizar o objetivo do Projeto Nós Propomos!

A.H.: Como resultado de nossa conversa e do que está aqui apresentado o que mais podemos ouvir de sua parte no contexto do desenvolvimento do Projeto Nós Propomos!?

S.: Eu tenho consciência da fragilidade institucional, nos diversos países, do Projeto Nós Propomos! Há projetos, como o Eco Escolas, com financiamento assegurado pela União Europeia, por exemplo, o que no Nós Propomos! está longe de suceder. Há países em que ainda não se saiu da letargia criada pela pandemia Covid-19. Por outro lado, o Projeto Nós Propomos! tornou-se o maior projeto internacional de educação geográfica, com a colaboração voluntária de tantos. Tem feito milhares de alunos olharem para a sua comunidade, pensarem nos problemas da mesma, apresentarem propostas de solução. Seguramente, são hoje cidadãos diferentes. A educação geográfica ficou, com certeza, melhor. Sempre cauteloso quanto ao futuro, há uma marca de compromisso cidadão que ficou mais forte no ensino de Geografia.

A.H.: Com nosso agradecimento ao professor Sergio Claudino registramos aqui essa parte da entrevista, com o interesse em abrir essa discussão acerca do conceito de cidadania territorial que estamos considerando como um aporte para avanços no ensino da Geografia na educação básica. Mas, além disso, serve para pensar a Geografia ensinada como uma ciência que nos reporta a buscar os entendimentos das nossas vidas pelo estudo do espaço construído.

Lembramos que a entrevista no seu todo está também publicada no endereço indicado no início deste texto.

Adriana Maria Andreis

Professora na Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS/Chapecó/SC, na Licenciatura em Geografia, PPGGeo/Mestrado em Geografia e PPGE/Mestrado em Educação. Doutora em Educação nas Ciências: concentração Geografia pela UNIJUI/RS com doutorado sanduíche pela Universidad Autónoma de Madrid - UAM, Espanha. Mestre em Educação nas Ciências - com área de concentração em Geografia pela UNIJUI - Ijuí/RS. Graduada em Geografia pela URI Santo Ângelo/RS e especialista em Ensino da Geografia pela UNIFRA Santa Maria/RS.

Endereço Profissional: Rodovia SC 484 - Km 02, Fronteira Sul, CEP 89815-899, Chapecó, SC - Brasil.

E-mail: adriana.andreis@uffs.edu.br

Helena Copetti Callai

Possui graduação em Estudos Sociais (1969) e Geografia pela Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Ijuí (1973), mestrado em Geografia (Geografia Humana) pela Universidade de São Paulo (1983) e doutorado em Geografia (Geografia Física) pela Universidade de São Paulo (1996). Pós-doutorado na UAM- Universidade Autónoma de Madrid Espanha. Professora titular na Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul. Professora colaboradora no Programa de Pós Graduação em Geografia da UFFS. Bolsista de Produtividade em Pesquisa - PQ/CNPq Nível 1 D

Endereço Profissional: São Francisco,501, São Geraldo, CEP: 98700000, Ijuí, RS - Brasil.

E-mail: copetti.callai@gmail.com

Sergio Claudino Loreiro Nunes

Licenciatura em Geografia pela Universidade de Lisboa (1981), mestre em Geografia Humana e Planeamento Regional e Local pela Universidade de Lisboa (1992), doutor em Geografia Humana pela Universidade de Lisboa (2002). Professor Auxiliar do Instituto de Geografia e Ordenamento do Território da Universidade de Lisboa (IGOT-UL) e Investigador Principal do Centro de Estudos Geográficos-IGOT-UL.

Endereço Profissional: R. Branca Edmée Marques, 1600-276 Lisboa, Portugal.

E-mail: sergio@campus.ul.pt

Recebido para publicação em 27 de maio de 2023.

Aprovado para publicação em 14 de junho de 2023.

Publicado em 16 de junho de 2023.